

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL

Desavenças

Poesia, poder e melancolia nas obras do doutor Francisco de Sá de Miranda

Sérgio Alcides Pereira do Amaral

Tese apresentada ao Programa de Pós-
Graduação em História Social do
Departamento de História da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da
Universidade de São Paulo, para obtenção
do título de Doutor em História Social.

Orientador: Profa. Dra. Laura de Mello e Souza

São Paulo

2007

A Luís Filipe Silvério Lima.

Ó coisas
Todas vão, todas mudam!

Manuel Bandeira
(e não Sá de Miranda).

Agradecimentos

Em primeiro lugar, à Profa. Laura de Mello e Souza – sobretudo pelo aprendizado, mas também porque foi uma honra ter sido seu orientando.

Ao Prof. Luiz Costa Lima. À Cátedra Jaime Cortesão, especialmente à Profa. Vera Lucia Amaral Ferlini e ao Prof. Pedro Luís Puntoni. Ao Prof. Fernando Antonio Novais e à Profa. Marcia Arruda Franco, examinadores do meu relatório de qualificação. Ao Prof. Modesto Florenzano. Ao Prof. Pedro Cardim. À Profa. Maria Fernanda Baptista Bicalho. Ao Sr. Carlos Carvalho e à Macalfa.

Aos caros amigos Ana Paula Megiani, Eduardo Sterzi, Esteve Jaulent, Fernanda Martins, Joaquim Machado Jr., José Manuel de Carvalho, Josep Domènech Ponsatí, Luana Chnaidermann, Luís Filipe Silvério Lima, Maria Manuel (Miúcha) Marques, Maria Rita Bicalho Kehl, Marta Glória dos Santos, Milton Ohata, Tiago C. P. dos Reis Miranda e Verônica Stigger.

A meus pais e à minha irmã. Ao Pedro, meu filho.

A Pat Mourão, por fim (e por início).

RESUMO

Esta tese pretende estabelecer os nexos históricos entre dois aspectos aparentemente contraditórios da atuação do poeta quinhentista português Francisco de Sá de Miranda (1486?-1558): a inovação na poesia e a retirada para o campo. Por um lado, ele foi o letrado e cortesão responsável pela introdução na lírica portuguesa de formas italianas como o soneto e o verso hendecassílabo. Por outro, foi o senhor de terras que decidiu se afastar da corte de D. João III e ir morar numa quinta distante, no Norte de Portugal. A partir do seu retiro campestre, Sá de Miranda passou a se dedicar ao gênero da epístola em verso, espalhando em suas “cartas” sua crítica dos destinos que ia tomando o reino de Portugal em meados do século XVI, sobretudo com relação às Índias, ao comércio das especiarias e às navegações. O afastamento do corpo do autor permitiu que sua imagem nas letras sobressaísse: Sá de Miranda se retirou da corte, mas não da cultura letrada. Sem deixar de reconhecer sua própria amargura diante das circunstâncias da vida humana, ele não aderiu à doutrina neoplatônica de exaltação da melancolia como enfermidade dos homens de gênio. Para ele, como adepto da atitude estoica difundida no Renascimento, a desavença consigo próprio experimentada pelo indivíduo melancólico era análoga à desordem do corpo político entregue à corrupção e à cobiça. Seu modo de resistir à própria melancolia acabou revelando uma melancolia própria do ordenamento político moderno, ao qual também cumpria resistir.

Palavras-chave: Sá de Miranda, Melancolia, Cultura letrada, Portugal, Estado

E-mail para contato: sergioalc@hotmail.com

ABSTRACT

This thesis aims at establishing historical links between two aspects of the trajectory of the sixteenth-century portuguese poet Francisco de Sá de Miranda (1486?-1558) that appear to be contradictory: innovation in poetry and retreat to the country. On the one hand, he was the man of letters and courtier who introduced in Portuguese poetry Italian poetical forms such as the sonnet and the hendecasyllable verse. On the other hand, he was the landlord who decided to retreat from the court of the King Dom João III and live in his distant manor in northern Portugal. From his country retreat, Sá de Miranda devoted himself to the genre of the verse epistle, spreading in his “letters” his criticism of the directions taken by the Kingdom of Portugal in mid-Sixteenth Century, especially concerning its expansion to India, the commerce of spices and the navigations. While the author’s body moved away, his literate image could take the front scene: Sá de Miranda retreated from the court, not from the culture of letters. Although he acknowledged his own bitterness in respect to the facts of human life, he did not adopt the Neoplatonic exalted view of melancholy as the typical condition of the men of genius. For him, as a supporter of the Stoic attitude disseminated in Renaissance, the melancholy man’s disagreement with himself was analogous with the disorder of a body politic taken over by corruption and greed. Thus, his way of resisting his own melancholy ended up revealing the modern political order’s own melancholy, demanding resistance as well.

SUMÁRIO

Introdução	1
Referências bibliográficas	8
Capítulo 1 – APARÊNCIA MELANCÓLICA	
1.1. Retrato de letrado, mais a vida	9
Figuras	36
1.2. Melancolia e cultura letrada	48
Referências bibliográficas	78
Capítulo 2 – A RETIRADA DAS LETRAS	
2.1. Itália, soneto, emenda	83
2.2. Fazenda na terra, fazenda no ar	104
Referências bibliográficas	126
Capítulo 3 – A MUSA A PÉ	
3.1. Presença de Horácio	131
3.2. Nem esperança, nem temor: a liberdade	154
Referências bibliográficas	181
Capítulo 4 – CULTURA LETRADA E SOBERANIA	
4.1. No coração da república	185
4.2. A desnaturação de D. Miguel da Silva	203
Referências bibliográficas	233
Capítulo 5 – A RAZÃO DA RAPOSA E O IMPÉRIO	238
Referências bibliográficas	265
Conclusão – A CENTRALIDADE EXCÊNTRICA	267
Referências bibliográficas	275
Apêndice	276
Bibliografia	298

Introdução

Francisco de Sá de Miranda (1486?-1558) escreveu sua obra poética sob o signo de uma dupla desavença. Na poesia lírica, tematizou o desregramento causado pelas expansões do amor, que leva o enamorado a entrar em guerra consigo próprio. Na poesia epistolar, de teor satírico, refletiu sobre os destinos do Reino de Portugal na sua aventura ultramarina, sujeito à cobiça pelas riquezas orientais e às vicissitudes de um novo mando imperial. Era uma voz destoante em ambas as frentes. Nas primeiras décadas do século XVI, a irradiação do Renascimento difundia pela Europa o culto neoplatônico do amor como via de acesso à transcendência. E a corte portuguesa ainda comemorava o êxito comercial das navegações, enquanto o monarca acrescentava conquistas aos seus estados e nomes à sua já extensa titulação de rei “daquém e dalém-mar”.

Tanta desconformidade não chegaria a chamar a atenção se o poeta fosse um homem de província tão rústico e “natural” quanto os pastores que habitam seus poemas bucólicos. Ao contrário, trata-se de um fidalgo letrado, formado “em ambos os direitos”, que residiu nas cortes de D. Manuel e D. João III, e viu algo do mundo, em demoradas estadias no estrangeiro, sobretudo na Itália. Nas letras portuguesas, foi desde cedo reconhecido como um pioneiro na adoção de gêneros e formas da poesia renascentista, tais como o soneto e o verso hendecassílabo, que ele experimentou em castelhano e em português na mesma época em que um feito semelhante era tentado na Espanha, na França, na Inglaterra e em outras partes de uma Europa ávida pelo esplendor do modelo italiano. Igual pioneirismo demonstrou no teatro, ao compor as primeiras comédias segundo os moldes clássicos preferidos pelas platéias em centros do Renascimento como Ferrara, Florença, Milão e Roma.

Mais impressionante ainda é que a celebridade como letrado inovador e cosmopolita coincida com a decisão de se retirar em definitivo da corte e ir viver no campo. Ao que parece, Sá de Miranda partiu para suas terras no Norte de Portugal em finais da década de 1520 ou inícios da seguinte, satisfeito com alguma fazenda e honrado com uma comenda da Ordem de Cristo. E nunca mais se apresentou em pessoa no meio cortesão. Quando a maioria dos fidalgos e dos letrados sofria a atração curial para a órbita do rei, à vista de melhores mercês ou provimentos rentáveis, ele seguia o movimento centrífugo. Como conciliar as inovações literárias com um mergulho tão radical no mundo remoto da existência campestre? O que terão em comum o senso estético refinado, sua

percepção aguda sobre as formas e os instrumentos da poesia, e, por outro lado, o temperamento refratário aos tempos e a seus convites à abertura, seja para o amor, seja para o ultramar? Sá de Miranda, o desavindo. Parecia deslocar-se em sentidos opostos: com a pena, apontava direto para o ponto crucial da cultura contemporânea, na Itália; com o corpo, extraviava-se para o Minho profundo, extemporâneo.

Não terá sido por acaso que, já em sua primeira aparição em letra de forma, ele se apresentasse aos leitores com a *persona* de um paradoxal. Assim dizia uma de suas cantigas incluídas na compilação do *Cancioneiro geral*, publicado por Garcia de Resende em 1516:

Comigo me desavim;
vejo-me em grande perigo;
não posso viver comigo
nem posso fugir de mim.

Antes que este mal tivesse
da outra gente fugia;
agora já fugiria
de mim, se de mim pudesse.
Que cabo espero ou que fim
deste cuidado que sigo
pois trago a mim comigo
tamanho imigo de mim?¹

Era o tópico da inimizade por si próprio, que nas letras ibéricas conquistava uma atenção renovada desde a publicação em 1511 do modelo castelhano da obra de Resende, o *Cancionero general*, de Hernando del Castillo. O tema aparecia nessa compilação entre as obras selecionadas de dois poetas quatrocentistas ainda muito apreciados nas cortes peninsulares. Do palenciano Jorge Manrique era uma *canção* interrogativa e dilemática: “¿quién osará ser amigo / del enemigo de sí?”² Na mesma linha, Pedro de Cartagena se definia em suas *coplas* como “Yo, el enemigo de mí”.³

Trata-se de um lugar-comum originalmente vinculado à tópica da “perdição de amor”,⁴ espécie de contraface negativa do amor cortês, na qual os exemplos da paixão comparecem para serem moralmente condenados. Mas, em princípios do século XVI, o maior influxo da lírica de Dante e sobretudo da obra vernacular de Petrarca investia o

¹ Resende, ed. 1516, fl. 109v. Na edição de 1885, com muitas variantes, é a Cantiga VII, “Comigo me desavim”, n. 11, p. 15; salvo quando indicado, citarei sempre desta fonte. As referências bibliográficas completas da introdução se encontram na p. 8.

² J. Manrique, Canção “No sé por qué me fatigo”, vv. 11-12; *in*: Castillo, ed. 1511, fl. 125; Manrique, ed. 2003, pp. 183-4.

³ P. de Cartagena, “Sobre una partida que hizo de donde su amiga quedava”, v. 1; *in*: Castillo, *ibid.*, fl. 86v.

⁴ Cf. Sena, 1963, pp. 180-81.

enamoramento de uma dignidade nova, irreduzível a uma apreciação estreitamente moral e mais convidativa à especulação do que ao rechaço. Foi neste sentido que a canção de Manrique e as *coplas* de Cartagena foram reivindicadas por quinhentistas que logo iniciariam a adoção experimental de formas italianas em castelhano e em português. O poema de Manrique foi republicado no *Cancioneiro* de Resende, com uma glosa de Sá de Miranda.⁵ Do andaluz Diego Hurtado de Mendoza, ficou conhecida uma “Carta en redondillas”:

Gasto la noche y el día
En el tormento que digo:
Yo de mi alma enemigo,
Mi alma enemiga mía.⁶

O catalão Juan Boscán (Joan Boscà) escreveu suas décimas “desaviniéndose” e, depois, “Otras, arrepintiéndose porque se desavino”.⁷ Como Sá de Miranda, ele também compôs glosas à canção de Manrique, nas quais o indivíduo se alia com o amor contra si mesmo:

Comigo desavenido
a mí mismo fui traidor;
mas mirad qué hizo Amor:
que quedase yo vencido
siendo con él vencedor.⁸

Assim, a perdição amorosa passa a representar uma oportunidade para a consideração em discurso do conflito interior como condição própria da vida num mundo fugitivo, onde se experimentam mudanças em ritmo cada vez mais acelerado. É esta a matéria histórica a ser interrogada e elaborada no trabalho que se vai ler.

Em Sá de Miranda, porém, ela extrapola o âmbito das vivências pessoais e se conjuga singularmente com o âmbito da política. Os mesmos recursos tópicos da inimizade por si próprio são estendidos por ele a uma alçada da poesia mais próxima da sátira do que do lirismo. Por exemplo, quando ataca a cobiça que movia os portugueses à expansão imperial, o poeta menciona a atividade mineradora:

Nas minas altas que digo,
Buscando a terra ’té o centro,
Que faz o homem, imigo

⁵ Glosa I, “No sé por qué me fatigo”, n. 2. No *Cancioneiro*: Resende, ed. 1516, fl. 109.

⁶ D. Hurtado de Mendoza, “Carta en redondillas”; *in*: Castro, 1854-1857, I, p. 73.

⁷ Boscán, “Otras desaviniéndose” e “Otras arrepintiéndose porque se desavino”; ed. 1999, pp. 51-5; Boscán & Vega, ed. 1543, fls. 3-4.

⁸ *Idem*, Glosa “Pues trabajo en ofenderme”, vv. 81-5; ed. 1999, p. 519.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

